

GUILHERME ÁVILA SALGADO

**Clínica da Palavra:
a poética do encontro na produção da vida.**

SÃO CARLOS
2018

GUILHERME ÁVILA SALGADO

**Clínica da Palavra:
a poética do encontro na produção da vida.**



Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Carlos - UFSCar para obtenção do Título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Clínica.

Área de concentração em Gestão da Clínica

Orientação: Aline Guerra Aquilante (UFSCar)

Co-orientação: Marcus Matraca (UFSB)

SÃO CARLOS
2018



FOLHA DE APROVAÇÃO

Guilherme Ávila Salgado

“CLÍNICA DA PALAVRA: A POÉTICA DO ENCONTRO NA PRODUÇÃO DA VIDA”

Trabalho de Conclusão de mestrado
apresentado à Universidade Federal de
São Carlos para obtenção do Título de
Mestre junto ao Programa de
Pós-graduação em Gestão da Clínica.

DEFESA APROVADA EM 03/12/2018

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Aline Guerra Aquilante - UFSCar
Prof. Dr. Washington Luiz Abreu de Jesus
Prof.^a Dr.^a Tania Cremonini de Araujo Jorge

SALGADO, Guilherme Ávila

Clínica da Palavra: a poética do encontro na produção da vida. Guilherme Ávila Salgado. São Paulo, 2018.60f

.

Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Gestão da Clínica

Titulo em inglês: Clinic of the Word: the poetics of the encounter in the production of life

1. Clínica da Palavra 2. Poesia 3. Saúde.

Poemas Presos

“A maioria das doenças que as pessoas têm
São poemas presos.
Abscessos, tumores, nódulos, pedras são palavras
calcificadas,
Poemas sem vazão.
Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado.
Prisão de ventre poderia um dia ter sido poema.
Mas não.
Pessoas às vezes adoecem da razão
De gostar de palavra presa.
Palavra boa é palavra líquida
Escorrendo em estado de lágrima
Lágrima é dor derretida.
Dor endurecida é tumor.
Lágrima é alegria derretida.
Alegria endurecida é tumor.
Lágrima é raiva derretida.
Raiva endurecida é tumor.
Lágrima é pessoa derretida.
Pessoa endurecida é tumor.
Tempo endurecido é tumor.
Tempo derretido é poema
Você pode arrancar poemas com pinças,
Buchas vegetais, óleos medicinais.
Com as pontas dos dedos, com as unhas.
Você pode arrancar poemas com banhos
De imersão, com o pente, com uma agulha.
Com pomada basilição.
Alicate de cutículas.
Com massagens e hidratação.
Mas não use bisturi quase nunca.
Em caso de poemas difíceis use a dança.
A dança é uma forma de amolecer os poemas,
Endurecidos do corpo.
Uma forma de soltá-los,
Das dobras dos dedos dos pés, das vértebras.
Dos punhos, das axilas, do quadril.
São os poema cóccix, os poemas virilha.
Os poema olho, os poema peito.
Os poema sexo, os poema cílio.
Atualmente ando gostando de pensamento chão.
Pensamento chão é poema que nasce do pé.
É poema de pé no chão.
Poema de pé no chão é poema de gente normal,
Gente simples,
Gente de espírito santo.
Eu venho do espírito santo
Eu sou do espírito santo
Trago a Vitória do espírito santo
Santo é um espírito capaz de operar milagres
Sobre si mesmo.”

Viviane Mosé

*Agradeço as ruas, pelos cenários dos encontros potentes, aos amigos,
as rodas de samba, aos saraus de poesia,
aos poemas, poetas, pai, mãe, companheira, filha e professores.*

Sumário

Prefácio

Resumo

1. Grafias de um ser singular em diálogo com o mundo.....	09
2. Perguntas, sentidos, caminhos e caminhadas.....	22
3. Em busca da poesia nossa de cada dia, diálogos extemporâneos, saúde e potência devida.....	27
3.1 Conjunto de Cenas 1: Os “bons encontros”.....	28
3.2 Conjunto de Cenas 2: Conceitos ampliados de saúde, muito além da doença.....	33
3.3 Conjunto de Cenas 3: Clínica, poesia, autonomia e cuidado.....	40
3.4 Conjunto de Cenas 4 – A vida, a escrita da vida: performance como acontecimento mobilizador de modos de existência amparados na autonomia, potências e novas possibilidades na vida.....	45
4. Considerações Finais?.....	51
5. Apêndice Inflamado.....	53

Referências

RESUMO

SALGADO, Guilherme Ávila. **Clínica da Palavra: a poética do encontro na produção da vida**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Clínica da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. São Carlos, 2018.60f

A Itinerância Poética é um movimento que se propõe a promover encontros a partir da poesia. Acontece por meio da komboteca que abriga um acervo com mais de mil livros que, em sua maioria, são de produção independente. A Itinerância Poética percorreu cerca de 12 mil km, de Minas Gerais ao Maranhão, pelo sertão, e do Maranhão para Minas Gerais, pelo litoral, com o principal objetivo de ocupar os espaços públicos com coisas públicas e fortalecer movimentos locais já existentes. Esta pesquisa pretende apresentar, por meio do método autoetnográfico, a importância do acesso a arte (poder produzi-la e/ou poder acessá-la), da produção da poesia (capacidade a possibilidade de criar e intervir no mundo) e da cultura popular (o lugar do comum na produção da vida, no cotidiano do viver) enquanto fatores determinantes e condicionantes à saúde dos sujeitos individuais e coletivos, indispensáveis a vida. A proposta desse estudo desafia o lugar da clínica tradicional convidando a pensar em perspectivas mais ampliadas, para além do binômio saúde-doença, muitas vezes entendido como estados antagônicos. Permite reinventar a conceito de clínica como espaço de engajamento e co-responsabilização com o sofrimento humano, rumo à construção de possibilidades de vida e de produção de novas subjetividades.

Palavras-chave: clínica da palavra; poesia; saúde.

SUMMARY

SALGADO, Guilherme Ávila. **Clinic of the Word: the poetics of the encounter in the production of life.** Masters dissertation of Programa de Pós-Graduação em Gestão da Clínica da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. São Carlos, 2018. 60f

Itinerância Poética is a movement that seeks to promote encounters based on poetry. It happens through the komboteca that harbors a collection with more than a thousand books that, for the most part, are of independent production. Poetic Roaming traveled about 12,000 km, from Minas Gerais to Maranhão, through the wilderness, and from Maranhão to Minas Gerais, by the coast, with the main objective of occupying public spaces with public actions, strengthening local movements that already exist. This research presents, through the auto-ethnographic method, the importance of access to art for anyone who wants (to be able to produce it and / or to access it), the production of poetry (capacity to create and produce interventions in the world) and popular culture (the place of the common in the production of life, in the daily life) as determinants and conditioning factors to the health of individual and collective subjects, indispensable to the life. The proposal of this study challenges the place of the traditional clinic inviting the lector to think in broader perspectives, beyond the health-disease binomial, that is often understood as antagonistic states. It allows reinventing the concept of clinic as a space of engagement and co-responsibility with human suffering, through the construction of life possibilities and in the production of new subjectivities.

Keywords: Clinic of the Word; poetry; health

Prefácio

Este prefácio tem intenção de situar o leitor, no que tenho chamado de romance científico. O desafio de transcrever o vivido, o experimentado e o sentido através da linguagem científica permeia as páginas que se seguem. Na verdade, prefiro assumir esta obra como um diálogo insistente e desobediente entre arte, vida e ciência.

A presente dissertação trata de um estudo autoetnográfico acerca da andarilhagem performática de um sujeito multifacetado, e seu automóvel, pelos sertões e litorais brasileiros. Outros títulos possíveis para esta obra poderiam ser: Guilherme Salgado e suas “descobertas” a bordo da Itinerância Poética; Desvelando-me a partir do encontro com o outro ou Descobrimo minhas potências criativas junto ao “mundo”.

Logo no início trato de me situar enquanto sujeito histórico, na estrutura de uma pequena autobiografia, com o propósito de descrever como se deu meu caminhar na vida até chegar ao dia de hoje.

Em seguida, organizo este enredo em três eixos principais: A Produção da Vida, A Poética do Encontro e A Clínica da Palavra, não necessariamente em uma sequência linear, mas como em uma organização emaranhada, sem fronteiras, num permanente ir e vir, como na imprevisibilidade do viver.

Por se tratar de um mestrado profissional os objetivos desta pesquisa consistiram em investigar meu próprio trabalho, relacionado às performances com a komboteca Itinerância Poética e seu potencial papel enquanto dispositivo de cuidado/promoção de saúde; narrar histórias disparadas pelos encontros durante as viagens e instalações do projeto; além de descrever o próprio processo de criação, me considerando como um profissional transdisciplinar, que transita entre os universos da arte, filosofia, saúde, ciência e educação.

A narrativa parte de cenas vividas e sentidas para o diálogo com conceitos filosóficos científicos, que se misturam na conformação da trama de uma busca pela compreensão de mim mesmo, dos achados e indagações que persistem na interface entre um sujeito pensante, pesquisador e artista.

A seguir, o leitor verá alguns cartões postais-poemas que compõem os capítulos desta dissertação. Elas fazem parte do livro Poesia é Desenho, autoria de Guilherme Salgado em parceria com a artista visual Ludmila Brito, publicado pela Edtóra, Salvador-BA, 2015.

Boa viagem!



GRÁVIDA
DO
TEMPO

A
HISTÓRIA

ABORTA

MEMÓRIAS

1. Grafias de um ser singular em diálogo com o mundo.

*“Eu sou o que sou, pronome pessoal intransferível...”
Cogito, Torquato Neto.*

Guilherme Salgado, jovem adulto de 34 anos, vem escrevendo sua história por diversos caminhos e experimentações, forjando-se enquanto poeta de rua, escritor do acaso, sambista, tocador de pandeiro, pai, sanitarista, educador popular, pesquisador autônomo, dentre outros “inéditos viáveis”. Diante dessa formação multifacetada e indisciplinar, afirma ter aprendido muita coisa, desaprendido outras e talvez contribuído um pouco com pensa-ções e inter-invenções junto às pessoas e movimentos diversos, na construção de propostas que dialoguem com a vida dos sujeitos e seus coletivos, a partir da perspectiva da conscientização, da autonomia e do viver comum, ecossistêmico.

Nascido em 1984, na pequena cidade de Timóteo, região metalúrgica do leste de Minas Gerais, primeiro filho do operário e serralheiro Lúcio Braga Salgado e da vendedora ambulante e professora de trânsito Guilhermina Angélica de Ávila, tem como irmão mais novo Lucas Braga. Desde pequeno, por viver no interior teve uma vida livre pelas ruas da cidade, imerso em brincadeiras típicas daquele tempo, com forte influência da cultura local e sempre com um apreço especial pelo convívio com os mais velhos. A memória dos provérbios, constantemente proferidos pela avó materna, pode ter sido uma de suas primeiras influências no gosto pela leitura e escrita de poemas.

Como não era dotado de muita força física, nem de habilidades esportivas e tampouco de valentia, desde que se entende por gente, lançava mão dos afetos, do diálogo e de argumentos variados para se relacionar na escola, na rua e na família. Sempre tinha uma conversa “mole” e imbatível pra convencer a mãe de deixá-lo ir em uma festa ou a viajar com os amigos. Já se livrou de muita briga e confusão na rua pela mediação de conflitos, pelas idéias. Ainda lança mão desta malandragem enquanto estratégia de sobrevivência no mundo das relações.

Estudou durante todo o ensino fundamental e médio em uma escola pública estadual, onde teve como referência alguns professores, colegas e vivências. O professor de filosofia do ensino médio foi um personagem importante em sua vida, contribuiu

muito para que várias indagações tomassem forma na fase da adolescência, entre elas o questionamento sobre a morte, noções de cultura, espiritualidade e arte.

Sempre incentivado pelo pai, mãe e alguns desses professores, aliado ao pouco apreço pelo trabalho braçal, foi que, em meados do terceiro ano do ensino médio, com 16 anos, decidiu que seguiria com os estudos. Inicialmente cismou com a profissão de Farmacêutico Bioquímico, chegou a prestar vestibular em três universidades, mas logo desistiu, pela dificuldade de compreensão em ciências exatas. No ano de 2002, encantando com as ciências biológicas e com o funcionamento do corpo humano, adentrou ao curso de Fisioterapia de uma universidade privada situada na região, curso que conseguiu concluir graças ao programa nacional de financiamento estudantil, o FIES.

Na graduação, desde o início, se envolveu com atividades de monitoria em anatomia, devido ao seu apreço pela matéria e pela oportunidade de receber uma bolsa financeira. Essa imersão na função de monitor desvelou uma potência até então desconhecida, o prazer em ser educador.

Ainda nesta fase teve contato com o diretório acadêmico, chegando a compor uma das chapas em dois mandatos. Essa aproximação foi o disparar de outras duas potências que veio a desenvolver: a política e a gestão. A partir desta experiência enveredou pela participação e organização dos Estágios de Vivência nas Realidades do Sistema Único de Saúde (VERSUS BRASIL), na Executiva Nacional de Estudantes de Fisioterapia (ENEFISIO), no Curso de Facilitadores de Educação Permanente em Saúde, no Conselho Municipal de Saúde, dentre outras experiências essenciais que vem contribuindo para sua formação enquanto sujeito.

Desde que adentrou ao universo da saúde, vem desenhando uma formação por vivências, para além das instituições formadoras, aproveitando currículos extra-muros, em imersões nos territórios onde a vida acontece, onde as pessoas se relacionam, aproveitando para aprender a partir dos encontros com o imprevisível e o espontâneo. Toda essa vontade de tentar compreender e intervir junto aos complexos fenômenos dos processos de saúde-doença permearam suas atuações enquanto ser vivente, transpassando todos os papéis sociais vividos.

Desde essa época, em todo espaço educativo que facilitava fazia a mesma dinâmica de apresentação entre os educandos: “- por favor, ao se apresentar diga seu nome, de onde vem e uma coisa que goste muito de fazer na vida”. Dessas respostas ele relacionava os variados desejos das pessoas às suas singulares necessidades para o se

sentir saudável, para além dos mais comuns fatores determinante e condicionantes à saúde.

Logo após a graduação, em 2007, iniciou a Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), período importantíssimo de sua vida, em que além de imergir na complexidade da compreensão e da intervenção do fenômeno saúde-doença culminou em sua primeira experiência de vida em outro estado, longe do seu *habitat* “natural” e de sua cultura primeira.

Tempo de novas descobertas, aproximação orgânica com a educação popular e o universo da cultura, uma oportunidade ímpar de se preparar para a vida que vinha ficando cada vez mais complexa, já havia se emancipado, a responsabilidade de seguir estava em suas mãos.

Depois da residência assumiu trabalhos na gestão municipal da atenção básica e na educação permanente em saúde, no interior de São Paulo, na gestão estadual da saúde na Bahia, em cursos de pós-graduação no âmbito estadual e nacional, desempenhou funções em coletivos e instituições que apoiavam movimentos sociais de base popular, participou de espaços, eventos e coletivos autônomos, como a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas Populares em Saúde (ANEPS), Movimento de Práticas Populares em Saúde (MOPS) e organização de Tendas Paulo Freire e Maria Felipa de educação popular em saúde.

Concomitante a isso, nos últimos cinco anos, vem dedicando sua vida ao estudo, escrita e experimentação da poesia, através de ocupações artísticas dos espaços públicos. Desde então, tem apostado na arte (poder produzi-la e/ou poder acessá-la), na poesia (capacidade a possibilidade de criar e intervir no mundo) e na cultura popular (o lugar do comum na produção da vida, no cotidiano do viver) enquanto fatores determinantes e condicionantes à saúde dos sujeitos individuais e coletivos, indispensáveis a vida.

Poder dizer a palavra, poder ler a palavra, poder exercer a palavra. Essas, tem sido as premissas da Itinerância Poética, projeto autônomo, solidário e colaborativo, que desde 2013 vem inter-agindo por diferentes regiões do país, estimulando a ocupação dos espaços públicos através da poesia, da leitura livre, do cinema de rua e outras manifestações da cultura popular. Tem como estrutura móvel a komboteca, um automóvel adaptado como biblioteca, sebo, livraria e cineclube, funcionando como uma

zona autônoma itinerante de estímulo aos encontros, a poesia, ao diálogo, enfim, ao exercício da palavra, que é verbo, que pode vir a ser ação.

Figuras 1, 2 e 3. Estrutura da Komboteka.



Fonte: acervo pessoal.

Ainda nos primeiros diálogos sobre saúde, sempre se perguntava: o que é preciso para ter saúde? Qual o sentido da nossa estada neste mundo? Não no sentido da utilidade sabe? Mas na questão, você é bom em que mesmo? O que te move? Quais são suas poesias? Quais são suas potências criativas?

Foi a partir destas questões que decidiu “dar um tempo” dos caminhos institucionais que vinha trilhando na saúde pública e enveredar em uma busca de suas essências, pois acreditava que só assim encontraria seu estado de saúde, ou melhor, o que contribuía para que se sentisse saudável e disposto a seguir vivendo em êxtase, ou pelo menos mais alegre do que triste, juntos aos seus, enfim, junto ao mundo.

Em meados de 2011, quando morava na Bahia, se desligou de uma instituição de saúde, para aventurar em si, lançando seu corpo em várias vivências: formação em Permacultura na Chapada Diamantina, encontros de comunidades alternativas, oficinas e disciplinas de música na universidade, participação em oficinas de percussão popular, dedicação ao pandeiro, ao samba, a cultura popular, envolvimento em projetos/movimentos musicais e de cultura popular, curso de teatro, disciplinas e atividades de extensão na educação, estudos autônomos em educação popular, projetos solidários junto a acampamentos e assentamentos do MST, compondo grupos e rodas de samba, coletivos, noitadas, namoros, estudos zapatistas, dentre outras imersões.

Dentro deste turbilhão de experimentações, ao longo de um ano, ainda não conseguia encontrar a “essência” da vida. Em meio a uma destas noitadas, acampados no litoral norte da Bahia, junto com amigos, artistas de um núcleo maior de

experimentações, em um diálogo profundo e ético, em meio a uma crise de identidade, foi que se viu e passou a ser visto, também, como artista, um artista da palavra, da escrita, das reflexões e das poesias rascunhadas desde os 14 anos, muitas vezes em garranchos rabiscados no apagar das luzes. Nesta catarse, se lembrou que num certo momento da adolescência passara sempre a deixar no banquinho ao lado da cama, uma caderneta/papel em branco e uma caneta, onde escrevia seus devaneios pensamentos de luzes apagadas, para não perder o sono, e até hoje, assim procede.

Como a memória e o tempo nos trai, com falsos planos e sonhos embutidos em forma de transferências, em projetos de vida que não são nossos, nos levam a crer que ser graduado ou termos uma carreira profissional fará de nós um ser humano realizado, de sucesso, feliz, saudável e harmônico. Esse pode ser o projeto de alguns, mas de fato que não era o seu, na verdade, esse possa até ser um fim para alguns, mas jamais o meio.

Diante disso tudo, iniciou uma investigação minuciosa sobre a memória destes escritos e para sua surpresa, os achados foram desveladores de uma potência criativa e inventiva que sequer reconhecia ter em sua breve e intensa existência até então.

Com incentivo de amigos, em 2013, conseguiu reunir e organizar uma série de poemas que culminou em um livro primeiro, editado, diagramado e impresso de forma autônoma, inter-dependente e solidária. Como os poemas reunidos eram de diferentes tempos, escritos em diversos lugares, levou o nome de Itinerância Poética, que veio a se tornar o nome do movimento que segue.

Figura 4. Lançamento do livro Itinerância Poética, Salvador-BA, 2013.



Fonte: acervo pessoal.

Pois então estava resolvido, havia encontrado a essência de sua vida... - “só que não”. O que fazer com 400 cópias de um livro recém impresso?

Neste momento, incomodado com a situação, em uma apresentação do livro na Escola de Belas Artes da UFBA, um amigo provocou: - “você tem este tanto de livro na mão e ele se chama Itinerância Poética: tá resolvido, vá rodar, articule lançamentos, invente eventos e circule com seu material jovem!”. Sérgio Sampaio (1976) sempre teve razão ao dizer que “um livro de poesia na gaveta não adianta nada, lugar de poesia é na calçada” ... e lá se foi novamente. Se jogar no mundo, basta a primeira vez, depois vira vício.

A partir daí organizou eventos de lançamentos envolvendo performances, música e outras linguagens artísticas e pessoas, na Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Após estas primeiras incursões, para viabilizar a circulação do material, adquiriu um Fusão 1979, chamado “trovão branco”, e nele embarcou junto ao irmão em uma “expedição” do Vale do Aço-MG a Bahia, passando por Vitória da Conquista, Salvador, Chapada Diamantina e região oeste do estado, com o foco de subir pela Chapada dos Veadeiros rumo ao Panamá e enfim Chiapas, para se juntar aos Zapatistas. Mas foi nesse meio tempo que os planos, cheio de enganos, mudaram, com a notícia de que seria pai, em São Paulo.

Figura 5. Foto do Fusão 79, o Trovão branco, Ilha de Itaparica-BA, 2013.



Fonte: acervo pessoal.

Com isso, mudou a rota, do Oeste da Bahia para Brasília, depois triângulo mineiro, São Carlos- SP e enfim o ABC paulista, para ver como seria essa história de paternidade.

Foi quando tudo mudou novamente, esperavam sua “prudente” retomada aos meios institucionais, para reassumir o que Belchior (1979) chama de “pequeno perfil do cidadão comum” ou o padrão Ouro de Tolo de Raulzito (1973) onde “eu devia estar contente porque tenho um emprego, sou dito cidadão respeitadoe ganho 4 mil cruzeiro por mês”. Neste momento divisor de águas em que teve a visão de ampliar os “negócios”, decidiu vender o Fusca e comprar uma Kombi, quando tudo mudou novamente, outra vez.

A komboteca amadurece e amplia o movimento, agrega os saberes da permacultura, com a construção de dispositivos que cumprem várias funções, um toldo que vira tela de projeção do cineclube, os bancos de *metal* que servem como cadeiras, expositores e base da cama, os armários, que também são bancos e cozinha, as latarias que funcionam como galerias de arte visual itinerante, o teto que funciona como diários para registros do poeta andarilho e dos visitantes. Mais que uma biblioteca, a história se transforma em um pequeno e ousado Centro Cultural sobre rodas, se propondo somar aos movimentos que já existem nos territórios por onde passa/estaciona.

Figura 6, 7 e 8. Transformações da Komboteca, Timóteo-MG (2014), Cachoeira-BA (2015) e Salvador-BA (2016).



Fonte: acervo pessoal.

Neste meio tempo Guilherme Salgado foi convidado a publicar seu livro segundo, pelo selo editorial Poesia Maloqueirista, de São Paulo, compondo uma coletânea de 26 livros, comemorativa aos 15 anos do selo. Estirpe é mais um projeto autônomo e solidário, com escritos no formato de poemas e pequenos contos. Interessante frisar que estes livros foram essenciais para a subsistência dos passos que o movimento seguiu a partir daí.

Figura 9. Foto do livro Estirpe



Fonte: acervo pessoal.

E assim seguiu, de Minas ao Recôncavo Baiano, pelos sertões, passando pela Chapada Diamantina. Na cidade de Cachoeira-BA e região, residindo e movimentando, pode encontrar pessoas maravilhosas, que fortaleceram as idéias para seguir numa caminhada maior, no interior do interior. Foi então que em junho de 2015 seguiu da Bahia ao Maranhão pelo Sertão, retornando pelos litorais, margens, áreas de transição entre a terra e a água, entre o chão e as nuvens, foram 7 meses de muitos encontros, descobertas, potências, medos, anseios, dores, alegrias, em vivências únicas e descobertas infinitas.

Figura 10. Parte da rota percorrida com a Komboteca



Fonte: acervo pessoal

Inicialmente a viagem seria pela Chapada dos Veadeiros-GO. Mas ao reler Grande Sertão e Veredas, de Guimarães Rosa, despertou o desejo de enveredar pelos sertões do nordeste brasileiro, reavivando uma rota dos afetos, das pessoas e dos lugares

históricos que já havia visitado através da literatura e dos encontros da vida. Construiu um mapa de possibilidades, saindo do recôncavo baiano, onde residia, seguindo pelo norte da Bahia, passando por algumas cidades previstas, como Canudos, mas se permitindo a desviar do planejado de acordo com os devires da estrada, como no caso da cidade de Uáuá, que não estava oficialmente na rota.

No mapa planejado estava prevista todas as capitais da região nordeste e algumas cidades interioranas. Algumas vezes já havia articulado uma referência de acolhida nos lugares, outras não. Nestas ocasiões, em que não tinha pouso certo para chegar, dormia na komboteca, estacionada em ponto seguro e estratégico, mas era questão de pouco tempo até receber convites para o abrigo, geralmente de pessoas envolvidas com arte cultura popular.

Ao planejar a viagem tentou articular com outros amigos, mas como as agendas, desejos e possibilidades não convergiam, decidiu então seguir, somente ele e os livros. Geralmente viajava sozinho, algumas vezes tinha a companhia de pessoas que pediam carona na estrada.

O dinheiro da rescisão do último trabalho formal serviu para equipar o automóvel e garantir os custos básicos da viagem. Outra fonte importante de recurso, para o andar da carruagem, foi a venda de livros no pequeno “sebo” e livraria, instalada no baú traseiro da komboteca. Entre os livros vendidos estavam clássicos da literatura nacional e internacional, livros de fotografia e arte, livros de poesia, livros diversos ofertados por apoiadores do projeto, livros independentes de amigos, principalmente os títulos impressos pela Poesia Maloqueirista, além das duas obras que já haviam sido publicadas pelo próprio autor.

Neste mesmo período, durante a viagem, foi gestado seu livro terceiro, publicado no final de 2015, pelo selo editorial independente Edtóra-BA, do qual faz parte. Este projeto foi realizado em parceria com a amiga, artista visual e professora Ludmila Brito, em um processo onde teceram diálogos, lançando mão das linguagens poemas e imagens, culminando em um livro de arte postal-poema, com 15 postais. Como mencionado no início, alguns deles compõe a artesanaria desta dissertação.

Figura 11. Foto do livro Poesia é Desenho.



Fonte: acervo pessoal.

O objetivo maior da Itinerância Poética sempre foi a ocupação dos espaços públicos com coisas públicas, sendo assim a proposta mais central sempre foi fortalecer os movimentos e sujeitos estratégicos que já existiam, que já operavam ou que estavam adormecidos, desanimados, desencorajados, somar e fortalecer com os que já existem, resistem, no que fica, no que significa para as pessoas daquele território, principalmente junto a juventude.

Após toda essa imersão, no início de 2016, o movimento passa por sérias dificuldades materiais, falta de dinheiro, grave defeito no motor da komboteca, quebra da suspensão, problemas na documentação e outros “paranauês”. A “crise” financeira, dentre outras coisas fragilizaram muito a sequência das atividades, mas foi nesse momento que o viés coletivo mostrou mais uma vez sua força e através de *umcrowdfunding* conseguiu mobilizar gente de vários lugares do país e arrecadar a quantia necessária para retomar a saúde das movimentações. Novos planos: junto a família rumou para Fortaleza-CE, afim de se estabelecer em novos fluxos. Foram 7 meses intensos de novas relações, encontros, ocupações de espaços públicos, feiras, saraus, ações culturais em um Centro de Redução de Danos em Saúde, viagens loco regionais, mas também de decepções, nova crise financeira, fragilidade da rede social familiar, separação, solidão, dentre outros contratemplos, novos fins e novos começos. Tempos de concentração, reflexão, novos rumos, novamente.

Neste período conturbado, a importância do retorno as origens, para poder se reorganizar diante da vida, se fortalecer junto a familiares e amigos, se encharcando de

suas matrizes culturais regionais. Neste tempo se aproxima intensamente do “A Rua Declama”, um dos mais jovens e atuantes movimentos de ocupação cultural da cidade de Timóteo-MG. Desde 2013, quinzenalmente, aos domingos, este grupo vem ocupando praças e demais espaços públicos, reunindo pessoas de diferentes classes sociais e formações culturais com o propósito do exercício da palavra através da poesia falada, performances, música e outras expressões. O grupo conta com cerca de 30 poetas/pensadores/ativistas/músicos/artistas que nutrem trabalhos autorais com temas de cunho social, político e cultural na região, além de se referenciar em obras de diversos poetas brasileiros.

Figura 12. Sarau A Rua Declama. Timóteo-MG, 2016.



Fonte: acervo A Rua Declama.

No segundo semestre de 2016, de volta a Minas Gerais, se reaproxima do campo da saúde, onde atua, durante sete meses, enquanto educador do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde com Agentes Comunitários de Saúde (ACS), além de ajudar na renda, este projeto permitiu que voltasse, como em um ciclo, às potências possíveis junto aos serviços, ações e atores da saúde.

Neste meio tempo, inscreve um vídeo-arte sobre a Itinerância Poética no concurso do II Prêmio Victor Valla de Educação Popular em Saúde, ficando em terceiro lugar no resultado final. Este material pode ser acessado livremente no canal de vídeos do projeto¹.

No início de 2017, juntando a necessidade das materialidades, sentidos e reaproximação da filha e da companheira, se aventura em seguir para São Paulo, com a proposta de retomar os estudos pela via institucional, com o intuito de sistematizar

¹ Você pode assistir esse material no youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=blyneZHNMJ8>. Acesso em 17/11/18.

vivências experimentadas e se organizar, diante dos desafios inerentes ao viver em uma realidade socialmente capitalista e afetivamente relacional.

Mesmo sem saber ao certo, como, pra quê, nem porquê, adentrou ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Clínica da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e ao longo destes últimos dois anos desenvolveu esta pesquisa, por caminhos de investigação e estratégias de escrita a partir da vida.



2. Perguntas, sentidos, caminhos e caminhadas.

*“a memória é uma ilha de edição”
Waly Salomão*

Para HOUAISS (2009):

Poesia é poder criativo, inspiração, invencionice, capacidade de inventar.

Poeta, aquele que tem imaginação inspirada, aquele que tem caráter idealista.

Poético: inventivo, engenhoso, criativo.

Para Teixeira (2015):

Saúde pode ser entendida como potência de vida.

Com essas significâncias, não seria a poesia, o sentido da vida? Poesia enquanto adjetivo de qualidade, fazer ou não fazer as coisas com poesia, ou melhor, poder ou não exercer poesia nos afazeres do dia a dia. Qual a tua poesia? O que te move? Tem criado ou simplesmente reproduzido? E a vida, é preciso produzi-la a cada dia, como temos produzido a nossa vida em nosso dia a dia? Do que é preciso pra se ter saúde? Saúde enquanto sentido? Arte enquanto sensação? Será que a escrita de si, pode se tornar referência de um estudo sobre saúde, anti-formas de se fazer clínica em saúde e construção de projetos de vida?

Buscando responder em mim mesmo essas questões, lanço meu corpo no mundo em busca do meu eu singular no diálogo com o outro e encontro com as diversidades pelas cidades, busco os lugares da produção da vida em conjunto, a produção no e do comum. Em busca de rever o lugar da clínica, ou melhor, do cuidado, ousou em abrir as portas de “minha” casa-cultural itinerante e acolher as pessoas em ritmo de livre demanda, através da escuta, do diálogo, das histórias de vida, de poemas e da poesia de cada um e a partir de escutas qualificadas, estimulando auto-reflexões e possibilidades da reinvenção de si, nos itinerários da vida, buscando o sentido do fazer das coisas no decorrer da história de cada um.

A aposta é que não existe lugar ideal para o cuidado, para a terapêutica, para assunção de um projeto terapêutico ou plano de cuidado em busca de melhora, conforto ou alívio. Minhas vivências conversam com a possibilidade do cuidado acontecer onde há potência para que as relações aconteçam, podendo se dar na beira de um lago (LANCETI, 2006), nas ruas, nas praças, em pistas de *skate*, nos circos, na Komboteca e

inclusive nos consultórios, clínicas e Unidades de Saúde. Portanto, de acordo com as vivências pude evidenciar que onde houver encontro e disponibilidade ao diálogo pode acontecer o cuidado e entendemos aqui o cuidado como uma postura diante de si e do outro nas relações dos processos de saúde-doença.

Por ser um profissional transdisciplinar, atuando há um bom tempo no borrar das fronteiras, historicamente, impostas entre as áreas da saúde, ciência, filosofia, arte e educação, entendo que esta pesquisa se inscreve no universo da CienciArte^o, considerada como um novo campo interdisciplinar, que nasce com o intuito de tratar de temas de interesse comum entre as áreas, sob perspectivas diferentes, abrindo novas possibilidades de pesquisa (ARAÚJO-JORGE *et al.*, 2018).

A proposta de estudo em questão corrobora com diversos princípios do Manifesto CienciArte^o, escrito por Root-Bernstein *et al.* (2011), citado em Araújo-Jorge *et al.* (2018, p. 26-27), principalmente nos princípios 4, 5 e 9 que defende a idéia de que:

CienciArte^o envolve a compreensão da experiência humana da natureza pelas sínteses dos modos artístico e científico de investigação e expressão; CienciArte^o funde a compreensão subjetiva, sensorial, emocional e pessoal com a compreensão objetiva, analítica, racional e pública; Aquele que pratica CienciArte^o é simultaneamente um artista e um cientista; e uma pessoa que produz coisas que são tanto artísticas e científicas simultaneamente.

Sendo assim, utilizo a perspectiva da autoetnografia, da autobiografia e da autoficção enquanto referenciais teórico-metodológicos para conversar com esta pesquisa cuja principal pergunta a se responder é: pode a Itinerância Poética, enquanto um dispositivo cultural itinerante, ser um lugar/espço/tempo/sujeito favorável ao cuidado/promoção em saúde?

Entendendo o desafio metodológico de estudar processos, assumindo que os atores também teorizam e partindo do entendimento do campo como o vivido, onde a vida antecede o método, a aproximação da autoetnografia se torna quase que indispensável, uma vez que sua perspectiva metodológica tem como intuito sistematizar análises do experimentado, traduzindo-se em novas sínteses, ou seja, em outras formas de compreender o que já foi e sonhar ‘sonhos possíveis’, devires em “inéditos viáveis”.

A autoetnografia pode ser considerada uma metodologia a partir de um gênero turvo, ou seja: uma resposta a chamada para a criação de uma cena, a contação de uma história, tecendo ligações entre vida e arte, fazendo-se de um texto presente, recusando

categorizações, acreditando que as palavras interessam e escrevendo para o momento em que o ato de criar textos autoetnográficos seja para mudar o mundo (HOLMAN, 2005).

Para Denzin (2006) a etnografia não é uma prática inocente, uma vez que nenhuma prática de pesquisa é desprovida de interesses. No caso da autoetnografia, as práticas de pesquisa são performativas, pedagógicas e políticas e, nesse sentido, dialogam com a proposta dos estudos das performances que nos interessam nessa pesquisa. Para Brilhante e Moreira (2016), imitação, poesia, e movimento podem ser considerados o tripé teórico dos estudos das performances.

Dentro do campo dos estudos das performances, a autoetnografia se situa nas interseções entre movimentos, funcionando para desestabilizar/subverter a supremacia/dicotomia entre: mente e corpo, teoria e método, pessoal e político, pesquisador e sujeito, tão comuns na produção de conhecimento acadêmico (DIVERSI, 2009).

Na verdade, não há procura pela verdade nestas propostas de estudo. A intenção é a de performar o passado, não para reconhecê-lo da maneira que realmente foi, mas para nos apoderarmos da memória como lembranças de momentos de encontros, para encarnar e recriar o passado não como uma sucessão de eventos, mas como uma série de cenas, invenções, emoções, imagens e histórias (MOREIRA, 2010).

Com isso, ao realizar as performances com a komboteca, me proponho a remontar cenas reais que favoreceram bons encontros através da poesia, que tenha valorizado a potência dos sujeitos na produção da vida. Durante e após as vivências foram produzidos diários de campo escritos em cadernos, folhas avulsas, bloco de notas, no teto da kombi, gravações de áudio, foto-grafias, pequenos filmes, poemas, sonhos e outras memórias voláteis. Tais registros constituem um conjunto de narrativas que contém cenas, falas, gestos, observações, experiências, histórias, dentre outras situações vivenciadas nos encontros forjados pelas performances de inter-invenções, além de apontamentos de como vivemos ou percebemos alguns acontecimentos.

Todo esse material vivo foi utilizado em uma escrita auto-reflexiva, dialogada com sujeitos e movimentos que encontrei na estrada e com autores que já eram minhas referências antes da pesquisa, além de outros autores que acabei descobrindo durante esta sistematização. Para Lopes (2002), no campo dos ensaios autobiográficos, como a autoetnografia, a experiência se destaca sobre a identidade, trazendo as narrativas enquanto recursos teórico-metodológicos importantes, se configurando como área de

encontro entre uma tendência literária e uma epistemologia, se tornando uma forma eficiente de transitar de uma experiência individual para uma coletiva.

Sendo assim, concordando com Guimarães Rosa (2001) que “viver é perigoso”, assumo esses devires ousados de pesquisa, me permitindo adentrar ao misterioso e inesperado universo do pesquisar, do descobrir, do criar e do recriar, me entendendo enquanto sujeito implicado na pesquisa, sendo parte inerente dela.

3. Em busca da poesia nossa de cada dia, diálogos extemporâneos, saúde e potência de vida.

*“Esta pessoa que está aqui falando,
em primeira pessoa, eu do singular...”
Waly Salomão*

A primeira busca, o primeiro encontro, ou reencontro, era comigo mesmo. Quando adentro a komboteca, traçando rotas e caminhos no mapa, assumo uma viagem pelos sertões e veredas da minha vida, mais uma vez Don Raulzito (1977) volta em meus pensamentos, numa constante: “não sei onde estou indo, mas sei que eu to no meu caminho.”

O movimento através das paixões e dos desejos se torna, a partir de então, a principal escolha na busca pela essência enquanto humano, dialogando com o “*conatus*” de Espinosa (1989), considerado como um esforço para persistir na existência, para poder vencer os percalços, as “pedras dos caminhos”, expandindo, em busca de realizações plenas nos percursos da vida. Essa essência humana, para o filósofo, é entendida como o desejo, sendo este a tendência interna do “*conatus*” que aumente ou conserve sua força.

Conatus, de acordo com Espinosa (1989) consiste na idéia de que cada coisa, na medida que existe em si, se esforça para perseverar em seu ser, ou seja, uma pulsão para vida. Esta resistência à destruição é formulada pelo filósofo em termos de um esforço para continuar a existir, sendo *conatus* a palavra frequentemente utilizada para descrever esta força. Este esforço de perseverança é considerado por Espinosa como a “essência verdadeira das coisas”.

Como ser dotado de histórias e memórias, sigo com a bagagem cheia de livros, desejos, paixões e vontade de viver o que Freire (1989) chama de “que fazeres”, “inéditos viáveis” e “sonhos possíveis”, buscando desvelar as potências cobertas em mim para então poder contribuir com o desvelar de potências com o outro, num movimento permanente de descobertas.

Curioso constatar o fluxo da busca pela compreensão e reflexão que venho compondo durante a vida, onde normalmente vivo situações, converso sobre elas com os pares, reflito e algum dia uma teoria filosófica, em forma de poema, filme, romance, artigo, livro, me cai às mãos, compondo sentidos, validando teses, desmistificando

certezas de outrora, dialogando compreensões ou despertando reflexões ainda maiores e assim tem sido com os famosos Espinosa, Paulo Freire, Deleuze, Dussel, Canguilhem, Guatarri e também com os internacionalmente anônimos Cláudio Barris, Zito, Camila Avarca, Helder Becerra, Naldinho do Crato, Marcus Matraca, Aline Guerra, dentre tantas outras pessoas que venho encontrando pelas encruzilhadas da vida.

3.1 Conjunto de Cenas 1 – Os “bons encontros”.

Figura 13. Roda de Poesia, Cultura e Memória. Uáuá-BA, julho de 2015.



Fonte: acervo pessoal.

Uma praça, um parque, uma rua, uma feira, pela manhã, fim de tarde ou à noite, procuro um lugar agradável, com sombra ou proteção contra o sereno, próximo de algum local mais central, estaciono a kombiteca, dou uma volta a pé pelas áreas, converso com um, saúdo outro, volto e começo a montar o cenário, coloco os bancos pra fora, monto o tabuleiro, abro o sebo/livraria porta malas, limpo o interior da casa, organizo os livros na estante, monto a cozinha, acendo o fogo, água com rapadura fervendo, é hora de passar o café de chegança, logo o cheiro se espalha e a curiosidade, inerente ao nosso ser primata, isca o primeiro transeunte, “doido”, criança, poeta ou filósofo, se é que tem muita diferença entre esses seres.

É tempo de São João no ano de 2015, estamos no sertão da Bahia, região de Canudos, mais especificamente em Uáuá, terra em que Conselheiro chegou de suas andarilhagens da época, esse fato se deu logo de manhazinha, por volta das 06:15hs, acabara de acordar com os fogos de artifício, havia dormido na Kombi que estava estacionada em frente a igreja matriz, quando o cheiro do café, que começava a passar

no coador, atraiu seu primeiro ator, um poeta cantador, violeiro da cidade, cantava a história do seu povo, voltava pra casa após uma noite de filosofias e cantorias de bar, disse que este café vinha a calhar, pois naquele dia iniciava a festa em homenagem ao padroeiro da cidade

- “Viva São João Batista?!”

- “VIVA...”.

Ofereço uma xícara de café, então é iniciada uma conversa que perdura até hoje.

- “Bom dia, aceita um café adoçado na rapadura, acabei de passar?!”

- “Quanta gentileza, um cantador após seu turno noturno de viola e cana há de passar bem após um café desses e uma boa prosa, aliás, sabia que hoje inicia a festa de São João Batista, padroeiro da cidade? Daqui por diante, nos próximos 7 dias, três vezes por dia, às 06h, ao meio dia e depois da missa da noite tem um cortejo levando a imagem de santo pra alguma casa, daí é folia, fé e cantoria.”

Este primeiro encontro foi determinante, um encontro que abriu portas e janelas para os vários encontros potentes que se sucederam naquela região. O poeta da cidade seguiu me acolhendo e me apresentando várias figuras importantes na história e na cultura popular daquele lugar.

Assim se deu um dos “bons encontros” que ilustra a importância destes espaços/tempos de socialização para compor relações, trocas afetivas e viver comum. Estes encontros permitem que os corpos se afetem mutuamente, emergindo neste caso alegrias e aumento da potência de ação, sendo tristezas e alegrias sentimentos que surgem dos encontros entre as pessoas, diante do mundo. Espinosa (2009) nos diz que uma pessoa imersa em um afeto de tristeza, está sujeito a (anti) potência, a padecer, perde sua autonomia; e ao contrário, quando o afeto é de alegria, tem sua potência aumentada, suas ações no mundo são potencializadas em busca da libertação das relações opressoras.

Dialogando com esta ideia de potência considero importante trazer a filosofia cunhada pelo educador Paulo Freire, quando defende a perspectiva ideológica de sermos seres conscientes, não estando apenas no mundo, mas com o mundo, sendo capazes de transformá-lo através de ações, de captar as realidades e expressá-las por meio da linguagem criadora. Acreditamos nessa possibilidade de criar, como potência de vida, inerente à vocação ontológica dos seres humanos de “serem mais”, consigo mesmos e com o mundo (FREIRE, 2011).

Figura 14. Debate pós Cineclube Itinerante. Picos-PI, agosto de 2015.



Fonte: acervo pessoal.

Outro caso que remete aos encontros de potência aconteceu em agosto de 2015 na cidade de Picos, com uma liderança popular, humanista e ativista de várias causas libertárias, mantenedor de um projeto incrível no sertão do Piauí, que nos últimos anos vinha trabalhando com auto-estima e estética junto à juventude negra da cidade, com intuito de contribuir com os processos de autonomia e projetos de vida desta geração. Através da dança, da música, do cinema, do teatro, da pesquisa e do estudo coletivo da história, este sujeito de aproximadamente 54 anos, vinha dedicando sua vida em prol de encontros geradores de potência e libertação. Foram apenas três dias da minha passagem pela cidade, mas com uma intensidade de diálogos tão grande que repercute ainda hoje nas lembranças presentes, nesta ocasião, cheguei a mediar uma oficina de corpo e percussão popular brasileira, bem marcante, junto a juventude local.

Isso reforça o pensamento de Espinosa (2009), quando afirma que a constituição dos indivíduos consiste na união de corpos, dispostos a gerar potências transformadoras de realidades instituídas. Nessa perspectiva podemos considerar que tudo está relacionado à potência, ações e formas de afetar e ser afetado. Conversando com essa proposta de entendimento, Deleuze (2008) nos convida a pensar no sujeito enquanto relações que este estabelece com o outro e com seu contexto, em espaços favoráveis aos

bons encontros, com aumento de potência mútua, que conseqüentemente produz aumento da capacidade de existir.

Quando Deleuze (2002) dialoga com a “filosofia prática” de Espinosa nos traz a reflexão de que quando os corpos se encontram, ou uma idéia encontra outra, as relações se compõem formando um todo mais potente, ou não, podendo ser esse um encontro de decomposição, não culminando em coesão das partes, dialogando com a ética por Espinosa, em sua tensão para as paixões alegres e as tristes, da potência do existir. Sendo assim configura-se uma ética da diversidade de possibilidades dos modos de existência que se dão pelas relações e as formas como cada um é afetado nestes encontros. Para tanto, Rolnick (1992) traz uma contribuição importante neste modo de pensar a ética, onde não cabem julgamentos, sendo a questão central o que é possível, os caminhos possíveis, o que pode uma pessoa/corpo a partir dos modos de existir organizados por si, considerando a afirmação de sua potência criadora.

Figura 15. Encontro entre projetos culturais autônomos. Pipa-RN, outubro de 2015.



Fonte: acervo pessoal.

Uma situação que ilustra bem essa discussão aconteceu quando cheguei em Pipa-RN, outubro de 2015, era época do Festival Internacional de Bossa e Jazz, um tradicional evento, que fazia com que a vila ficasse vinte vezes mais densa do que sua população habitual. Contudo, a institucionalidade burocrática do evento não facilitava muitos acasos, mas é justamente nesta disponibilidade aos bons encontros, aos encontros potentes, que me aparece um *rastaman* todo “descolado” e diz:

- “e aí velho, é você o cara que me falaram, que tá rodando na vila aí com uma Kombi toda grafitada, cheia de livros?”

-“sou eu sim, prazer, Guilherme Salgado.”

-“opa, ajudo a organizar uma ONG que promove diálogos culturais entre Pernambuco, Rio Grande do Norte e a Itália, estou na produção do evento, ajudando a organizar as oficinas educativas e as *Jam Sessions*, você não gostaria de compor esta parte do evento com a gente?! “

-“legal camarada, topo demais, não tinha conseguido nem lugar pra estacionar a kombiteca de tão cheia que a vila está...”

- “e aí, vocês estão dormindo onde?! Na Kombi?! Então não mais, vão ficar lá em casa, deixa a kombi pra guardar alguns materiais no final das noites, pode ser?!”

O encontro com essa figura permitiu uma soma de potências transformadoras entre os corpos, mobilizadora de forças nos sujeitos e no território. Esse encontro proporcionou ao longo de uma semana inúmeros outros encontros, com outros sujeitos e movimentos, resultando em diálogos diversos, rodas de conversa, saraus, oficina de tambores, cozinha coletiva, cinema, dentre outras potências criadoras. Como uma colcha de retalhos, as coisas vão tomando sentidos que ainda não haviam aflorado à consciência. A Kombiteca, com sua capacidade de agregação e de transformação, funciona como um dispositivo no favorecer de bons encontros e seus infinitos desdobramentos, extensões e possibilidades. Este espaço/tempo de encontros abertos a criação se configuram como lugares afetivos, como oportunidade para que as pessoas possam se relacionar através da poesia, ou seja, do encontro com a potência criativa do outro.

Dessa maneira, o movimento de chegada e ocupação dos espaços públicos potencializa, junto aos sujeitos que encontra, os territórios onde vivem, endossando a definição dos territórios vivos, Milton Santos (2001), que apresenta-o como um objeto dinâmico, vivo, repleto de inter-relações, e propõe o detalhamento das influências recíprocas do território com a sociedade, seu papel essencial sobre a vida do indivíduo e do corpo social. Para o autor, o território englobaria as características físicas de uma dada área, e também as marcas produzidas pelas pessoas que ali habitam e/ou transitam.

Estes encontros nos territórios, na rua, contribuem para que estes espaços se transformem ou voltem a ser ambientes favoráveis a vida, ao viver comum, culminando em um ciclo permanente de potência, de vida, enfim, de saúde. Inerentemente, os sujeitos singulares e coletivos deste local potencializam as relações, operando na

potência criativa com o outro e os sujeitos potencializados pelas relações, seguem potencializando o território, fazendo-o vivo, assim como em Freire (2005) na perspectiva da libertação do oprimido pela educação cotidiana das relações onde ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo.

Dessa forma, como no artigo de Strappazon e Maheirie (2016) defendo a tese de que a Komboteca oportuniza encontros que se configuram em um tempo cheio de presença, onde há lugar para o vínculo, a possibilidade de emergência e partilha de sonhos, de alimentos, alegrias e histórias, provoca fissuras nos modos de vida e paradigmas viciados pela lógica individualista e de segregação social, possibilitando quebras ou desvios criadores que rompem com a estabilidade e repetições que normalmente nos capturam nos cotidianos institucionais. Sendo assim, nestes bons encontros, “a alegria que gera a potência de ação, tem por si só poder político, ético, estético, cria outras formas de intervenção e inscrição nos espaços” (*apud*, p. 124) e, porque não, poder terapêutico, na perspectiva radical da autonomia dos sujeitos em seus processos de saúde e doença?

3.2 Conjunto de Cenas 2: Conceitos ampliados de saúde, muito além da doença.

Figura 16. Ocupação Poética no Encontro de Educação Popular e Práticas Populares em Saúde de Sergipe. Aracaju, 2013.



Fonte: acervo pessoal.

Diante de tantas questões é que lançamos uma questão outra, um tanto ousada: a possibilidade de criar e o exercício criativo nos afazeres diários nos tornam seres humanos mais saudáveis?

Algumas teorias contemporâneas em saúde sugerem que saúde é um bem de qual precisamos, para poder fazer/viver uma série de coisas na vida, mas é justamente essa ideia que este estudo autobiográfico quer problematizar, nos convidando a pensar em perspectivas mais ampliadas, para além do binômio saúde-doença, muitas vezes entendido como estados antagônicos.

Nunca deixei de ser quem já fui, não apagamos as vivências e experiências de vida tão facilmente assim. Seguem vivas na memória do corpo, os anos como monitor de anatomia, a práxis vivida durante a Residência em Saúde da Família em São Carlos, os diálogos com a educação popular e as práticas populares em saúde, a organização de Tendas Paulo Freire e Maria Felipa nos congressos e encontros da saúde, as experiências na atenção e na gestão da atenção básica, dentre outras funções desempenhadas. Hoje percebo que estas vivências no universo da saúde me deram inúmeros elementos, mesmo que às vezes inconscientes, da minha postura de acolhimento com os sujeitos que vinham ao meu encontro, disparado pela instalação da komboteca. Esta percepção é traduzida no cuidado com as pessoas e territórios por onde passo, entendendo estes, como seres e espaços vivos, com histórias, memórias, modos de organização singulares, emoções, afetos, simbologias, enfim, modos de vida distintos.

Dessa maneira, olhando pra minhas próprias buscas, converso com Nietzsche (2005) e aceito o seu convite a pensarmos a vida operando por embates de forças que produzem intensidades mobilizadoras da própria condição vital, em busca de criações de novas formas de existir. Nesta perspectiva o filósofo nos provoca a considerarmos a produção da vida como a “grande saúde”, que face ao adoecimento causado pelas estabilizações e mortificações dos processos vitais, conecta-se à potência dos encontros e as relações dos corpos no embate das forças. O próprio Nietzsche (2002) nos traz uma ideia de que não há certezas em relação ao futuro, mas um compromisso com a afirmação da vida e a vontade de potência que se orienta para o amanhã, não necessariamente às promessas de coisas futuras e previsões, mas de vontades, desejos.

As perguntas seguiam questionando os caminhos e os porquês daquela minha viagem pelos sertões, através da poesia. O que preciso para ter saúde? Ter saúde pra quê?

Saúde enquanto vida, vida enquanto possibilidade de criar, a poesia na vida de cada um, para poder criar, como fator indispensável ao corpo saudável em si e em suas relações. O que fazia daquela gente, por vezes, tão simples, com tão pouca posse, felizes, cantantes, saudáveis? Fazer o que acreditam? Estar junto dos seus? Compor, ser parte de uma manifestação cultural profano-religiosa? Ser protagonista junto a seu povo? Representar parte de sua história coletiva? O viver comum? As conversas de fim de tarde? A missa na igreja aos sábados? A feijoada de Ogum? O Samba de Roda? O Tambor de Crioula em São Luís do Maranhão?! Ser da terra de Gonzagão? Tantas questões complexas sem respostas simples.

Neste sentido, entendendo a vida enquanto potência, buscamos referência para construção do nosso entendimento, para significância de ‘saúde’ na definição da Carta de Ottawa (1986) que a define como um recurso para a vida e não como um objetivo de viver.

Como estamos no Brasil, partindo de uma vivência-estudo em território nacional, faz-se importante salientar uma conquista popular histórica no último século, que consiste na promulgação da Constituição Federal (BRASIL, 1988), mais especificamente em seu artigo 196, onde define saúde como um direito de todos e dever do Estado, devendo ser garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. Validando este direito universal, o artigo terceiro da Lei Orgânica de Saúde (BRASIL, 1990) traz em sua redação que os níveis de saúde expressam a organização social e econômica do País, tendo a saúde como determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais.

Considerando sua complexidade enquanto fenômeno e da polissemia acerca de definições e concepções, elencamos uma que dialoga com a perspectiva deste estudo no momento, que é a concepção de Teixeira (2015), que considera saúde enquanto estado das relações internas e externas dos corpos, análogo à passagem a um maior grau de potência, a partir de experiências vividas pelas pessoas em suas singularidades. Ou seja: a um maior “esforço para perseverar na existência” (p.37), saúde consistiria então no resultado da produção do comum enquanto problema e solução colocados pela vida.

Ao partir destas referências conceituais ampliadas sobre saúde e entendendo a Itinerância Poética enquanto um dispositivo para o desenvolvimento desta potência, faz-

se necessária aqui uma pequena explanação sobre promoção de saúde. Para tanto partimos da idéia de Promoção da Saúde enquanto um novo modo de pensar e fazer saúde, enfatizando o estímulo à autonomia dos sujeitos individuais e coletivos, através da reflexão destes sobre seus problemas e na tomada de decisões para melhora de sua qualidade de vida (WESTPHAL, 2007).

Trago a tona mais uma vez a Carta de Ottawa (1986), para demarcar o conceito de Promoção da Saúde defendido nessa conferência: “um processo através do qual a população se capacita e busca os meios para conseguir controlar os fatores que favoreçam seu bem-estar e da comunidade ou que podem estar pondo em risco, tornando-a vulnerável ao adoecimento e prejudicando sua qualidade de vida”.

Esta capacitação das coletividades referidas pela Carta de Ottawa, segundo Westphal (2007), deveria acontecer em dois sentidos, tanto no sentido mais objetivo, amparado nas questões materiais e acesso aos fatores determinantes, quanto no sentido mais subjetivo, relacionados ao auto-respeito, integração social, capacidade para participar da vida social, dentre outras.

Inerente à complexidade do percurso da vida, estamos permanentemente expostos a diversos fatores causadores de infinitos processos de desequilíbrio homeostásico, que se desdobram em situações de dor, sofrimento e condições de adoecimento, o que valida a insistente advertência de Riobaldo a Diadorin, no Romance “Grande Sertão Veredas”, de Guimarães Rosa (1956): “viver é perigoso”. Pude perceber essas sensações no meu próprio corpo durante as viagens e também nos corpos de algumas pessoas com as quais pude compartilhar encontros.

Outro conceito interessante que dialoga com este estudo-vivência é o de doença como experiência, entendendo-a como uma experiência da ordem dos sentidos, cabendo a quem sente determinar onde ela começa e onde ela termina (CANGUILHEM, 2009). O autor traz pra gente outra perspectiva acerca do que é norma, normal e patológico, nos convidando a refletir sobre o corpo que produz novos padrões de “normalidade” diante das adversidades da vida, refutando a padronização normalínea da anatomia quanto ao que se repete.

Uma cena que ilustra bem esta questão aconteceu antes mesmo destas “aventuras” com a Itinerância Poética, foi no Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, onde tive oportunidade de ministrar um curso-vivência intitulado “Arte e Cultura Popular enquanto Fatores Determinantes e Condicionantes em Saúde”. Em uma destas rodas de educação popular

me lembro bem da encenação de um grupo de teatro formado por usuários de um serviço de saúde mental de Salvador-BA, onde logo após a apresentação tivemos a oportunidade de conversar sobre a peça e sobre os processos vividos pelos atores/atrizes e seus personagens. Destas conversas me identifiquei muito com o discurso de uma delas:

- “sabe menino, eu sou do CAPS, sou louca de pedra, tomo medicamento pesado, fico chapada, não me lembro das coisas e como sou louca, não vou mentir uso disso pra sobreviver neste mundo cão, ando de ônibus de graça, rodo a cidade toda, não aceito abuso de autoridade, vou logo pra cima mesmo e rodo a baiana..., ... mas olha só, desde que começamos a fazer esta peça de teatro e começamos a apresentar em tudo em quanto é lugar, eu me transformei sabe, agora eu não sou somente louca não, agora eu sou atriz também, internacionalmente conhecida, olhe só, tô aqui no Rio de Janeiro agora, com minha Cia de Teatro, quer um autógrafo fofinho?!”.

Dialogando com a cena apresentada, Adam & Herlizlich (2001) apresentam uma importante contribuição acerca destas diferentes explicações sobre os estados de saúde. Dentre elas, defendem as condições de saúde como a capacidade de enfrentar situações/problemas, principalmente o estresse, nos trazendo uma questão onde a doença pode estar ligada a agentes agressivos do meio ambiente, mas também como resultado de nossas reações diante das dificuldades da existência. Sendo assim, essa “capacidade de enfrentar as situações” se relaciona com uma soma de experiências na qual o social tem seu papel, pois manifestam um grau de autonomia ligado à posição social do indivíduo, que depende de sua inserção num entorno social que permita a mobilização de diversos recursos significativos.

Para Helman (2007), na maioria das sociedades, as pessoas que sofrem de desconforto físico ou emocional contam com diversas formas de ajudar a si mesmas ou de procurar ajuda de outras pessoas.

Elas podem, por exemplo, decidir descansar ou tomar um remédio caseiro, pedir conselhos de um amigo, parente ou vizinho, consultar um pároco local, curandeiro ou “pessoa sábia”, ou consultar um médico, desde que haja um disponível (*apud*, p.79).

Para o autor, os antropólogos têm destacado que os sistemas de cuidado em saúde de qualquer sociedade não podem ser estudados isoladamente dos outros aspectos dessa sociedade, em especial de sua organização social, religiosa, política, cultural e

econômica, pois estão entrelaçados nelas e são referenciadas nas mesmas presunções, valores e visões de mundo.

De acordo com Landy (1977), um sistema de cuidados em saúde tem pelo menos dois aspectos inter-relacionados: um aspecto cultural, que inclui certos conceitos básicos, teorias, práticas normativas e modos compartilhados de compreensão, e um aspecto social, incluído sua organização em certos papéis especificados (como paciente e médico) e regras que regem relacionamentos entre esses papéis em situações especiais (como em hospitais, clínicas e consultórios médicos).

Por isso essa aposta insistente em considerar a importância da ocupação dos espaços públicos, dos territórios vivos, com estratégias de agregação de sujeitos a partir de infinitos disparadores. Como o movimento “O Circo tá na Rua”, que vem há mais de 3 anos promovendo atividades coletivas de arte, educação e cultura na cidade de São Luís do Maranhão; como o Sarau de Baixo, em Aracaju-SE, que de forma autônoma, solidária compõe um cenário mensal de encontro através da poesia falada e diversas outras manifestações culturais, fazendo da cidade um lugar habitável e possível para o protagonismo de sua juventude. Outro exemplo é “A Rua Declama”, que há mais de cinco anos vem mobilizando o cenário cultural e político da cidade de Timóteo-MG e toda a Região do Vale do Aço, através de saraus de poesia, espaços de formação, festivais culturais, cine clube, economia solidária, dentre tantas outras experiências vivenciadas com o movimento da Itinerância Poética.

Conversando com essas questões de saúde e potência de vida, me lembro uma vez em que fiquei uma semana acampado em uma praça de Barreirinhas-MA, tomando banho de rio, cozinhando na Kombi, passando o dia encontrando pessoas e vendendo poesia, quando um sujeito que já conversava há um bom tempo me disse:

- “esse era o meu sonho, sair de Kombi, fazendo o que você faz”.

Fiquei incomodado com esse peso e depois de um tempo respondi:

- “Esse não era o seu sonho, esse é o meu sonho; e outra coisa, seu sonho além de não ser esse, ele ainda é, ele pode ser, busque dentro de você, da sua memória, qual é o seu sonho irmão, vamos lá que eu lhe ajudo, ainda tem tempo...”

A partir deste dia é que se tornou consciente a convicção de que eu tinha me afastado das instituições de saúde formais (consultórios, clínicas, hospitais) para o exercício da saúde, a partir da poesia, a partir do encontro, a partir das potências criativas e das possibilidades, das potências de vida, para a vida. Logo depois, em Fortaleza-CE, em uma profunda conversa com um amigo que me veio outra visão do

que vinha fazendo: toda vez que preparo o cenário e abro a komboteca estou me dispondo a receber pessoas, a atender pessoas, a conversar, a me encontrar com o outro, que muitas vezes vem em busca de ajuda, de compreensão, entendimento, descobertas, desvelares sobre si, seus momentos e projetos de vida. Logo percebi que seguia fazendo clínica e educação popular em saúde através de outros dispositivos, em outros espaços-tempo, nas ruas, eventos, praças, esquinas, becos e vielas.

“Moral” da história: tudo é meio, nada é fim, a estabilidade é a morte, não há um estado pleno de vida e saúde. Sempre dá pra ir além de nós mesmos, não como superação, mas como reinvenção de si, numa busca infinita de melhorarmos na relação com a gente mesmo, com os outros e com o mundo, desvelando/descobrimo novas poesias por vir, devires, paixões alegres permanentemente mutantes, inerentes ao fluxo disforme e sinuoso da vida. Por isso repito que “viver é perigoso”, mas com a possibilidade de ser para si, com os seus, podendo criar e reinventar no dia a dia, há de ser também muito gostoso.

Por estas questões, vivências, des-conceitos e a partir das provocações feitas pelo professor Washington Abreu no seminário de projetos do Mestrado Profissional no fim de 2017, foi que enveredamos por esta proposta prático-investigativa de outras possibilidades de concepção da saúde, outros lugares possíveis e favoráveis a uma clínica dos “bons encontros”, ou seja, de transcendermos as limitações da clínica, pra além das instituições convencionais, que vem usualmente se perpetuando, para que então sonhemos com uma perspectiva e um conceito de saúde e cuidado mais ampliado e diverso, como a diversidade dos sujeitos, seu coletivos e ecossistemas.

3.3 Conjunto de Cenas 3 – Clínica, Poesia, Autonomia e Cuidado

Figura 17. Sarau junto ao Corre pra Vida (Projeto de Redução de Danos). Fortaleza-CE, 2016.



Fonte: acervo pessoal.

Qual o lugar da clínica?

O proponente da clínica peripatética nos diz que pode acontecer ao caminhar (LANCETI, 2006), uma “clínica do olhar” proposta por Foucault (2004), ou quem sabe uma “clínica dos afetos” defendida por Franco e Galavote (2010). A clínica teria um lugar? E se tiver seria uma unidade de saúde?! A anamnese, a história progressiva, os sintomas. O quê e como estou vivendo pra me sentir assim? - Existe cura ou angiogênese ecossistêmica que nos faz seguir?! A clínica enquanto campo de produção do cuidado, como um encontro onde a percepção de cada sujeito envolvido é considerada, compondo novos saberes e poderes, na perspectiva de perpetuação do novo, rumo a produção da vida e re-criação de si na relação com os outros, na relação com os territórios, na relação com o mundo.

Para Foucault (2001), em grandes centros urbanos, com sistemas de saúde pública, minimamente estruturados, é comum as pessoas recorrerem a um médico ou um psicólogo, até mesmo à farmácia, para (re) conhecer e tratar sua condição desagradável, seja um desconforto físico ou emocional qualquer. Neste sentido, a Clínica assume um lugar de domínio sobre um saber, legitimado pelo poder científico, de nossa natureza humana, que nos impõe um estado ideal e saudável – normal – de como deveríamos ser e estar no mundo. Se, porventura, desviamos do padrão idealizado, do estado “natural”

do qual deveríamos nos apresentar, logo nos submetemos ao olhar clínico da medicalização, único capaz de nos (re) conduzir ao imperativo maior de normalidade.

Contrapondo esta perspectiva hegemônica da clínica como mecanismo de dominação dos corpos, entendemos que a disponibilidade ao encontro, ao diálogo, experienciando um aumento das potências dos sujeitos que se encontram, expressas em desejos e paixões alegres pode ser considerada a tradução máxima dos pressupostos que o cuidado produz.

Por isso trazemos uma definição importante sobre cuidado, considerando-o em suas diferentes vertentes: ética, política e filosófica. Para Zoboli (2004) a palavra 'cuidado' inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si: a primeira, uma atitude de desvelo, de solicitude e de atenção para com o outro; e a segunda, uma preocupação e inquietação advindas do envolvimento e da ligação afetiva com o outro. Assim, parece que a filologia da palavra 'cuidado' indica que cuidar é mais que um ato singular; é modo de ser, a forma como a pessoa se estrutura e se realiza no mundo com os outros. É um modo de ser no mundo que funda as relações que se estabelecem com as coisas e as pessoas.

Contanto, não há dúvidas, pelo menos pra mim, enquanto sujeito e ator responsável pela komboteca, de que a Itinerância Poética funciona como um dispositivo de acolhimento, escuta qualificada e atenção a saúde, em sua perspectiva mais ampliada, saúde como exercício da poesia, considerando-a como a capacidade a possibilidade de criar, ou seja, como potência criativa diante dos desafios diários da vida.

São inúmeras cenas vividas que ilustram essa evidência. A mais marcante delas que ilustra esse diálogo, talvez tenha sido o sarau de poesia com microfone aberto e a roda de leitura da komboteca, acontecido em 2016, junto ao projeto Corre pra Vida, um *container* de Redução de Danos no centro de Fortaleza-CE. Em uma destas inserções pudemos verificar a importância do direito a voz, a escuta e a palavra, através da poesia, como exercício de cidadania, que junto ao banho, uma troca de roupa e um acolhimento sincero dos profissionais evidenciava a importância destas ações na dignidade e na postura destas pessoas diante do mundo.

Neste momento considero oportuno trazermos a tona uma concepção acerca de autonomia defendida por Campos e Campos (2006), onde a considera como a capacidade dos sujeitos de compreenderem e agirem sobre si e sobre o seu contexto. Sendo assim, a constituição da autonomia pode ser considerada como uma conquista

inter-dependente (do sujeito, indivíduo/coletivo e fatores externos/determinantes). Os autores defendem o sujeito como co-responsável por sua constituição e pela constituição do mundo que o cerca na co-produção da autonomia, co-constituição de capacidades ou co-produção de processos de saúde/doença.

Dialogando com esta ideia de autonomia outro conceito importante que desde o início do século XXI vem se tornando um princípio organizador fundamental para o funcionamento do Sistema Único de Saúde é o da Clínica Ampliada e Compartilhada, uma proposta de entender o significado do adoecimento e tratar a doença no contexto ampliado da vida, no qual esta doença está inserida, portanto sua proposta transcende a doença ao buscar compreender o sujeito de maneira integral. Esta proposta de fazer saúde considera as singularidades de cada pessoa e propõe a ruptura de fronteiras e limites nos quais os tratamentos modernos se esbarram, lançando mão de ferramentas e articulações de outros caminhos, para a inclusão de diferentes enfoques e disciplinas. Trata-se de uma prática interdisciplinar, que opera por conexões e parcerias com outras práticas de fazer saúde, em busca das soluções possíveis para as necessidades dos sujeitos. (BRASIL, 2014).

Pensando na vida como a arte do encontro, faz-se necessário refletirmos um pouco sobre quais formas de encontros temos experimentado em nosso dia a dia, nas relações de saúde e doença, de alegria e tristeza, guerra e paz, dentre outras. Sendo assim, o que temos produzido a partir destes encontros?

Dessa forma, torna-se importante a discussão das relações entre território e produção de cuidado, que envolve o território como área onde as pessoas vivem e produzem suas vidas, ou seja, um espaço relacional. Considerando o território como espaço no qual se produzem modos de ser, de se relacionar, de amar, de trabalhar, de consumir. Neste sentido, a proposta é pensarmos nos deslocamentos para além dos espaços físicos, problematizando o olhar sobre o território, procurando compreender os modos de vida que estão sendo produzidos neste lugar e quais possibilidades de clínica são possíveis de realizar (LIMA e YASUI, 2014).

A saúde mental, com o movimento da reforma psiquiátrica e da luta anti-manicomial, segundo Amarante (2003), coloca-se disponível à reconstrução do conceito e da prática clínica. Para o autor, é preciso reinventar a clínica como espaço de engajamento e co-responsabilização com o sofrimento humano, rumo à construção de possibilidades de vida e de produção de subjetividades.

Essa reinvenção da clínica requer a superação do binômio clínica e hospital, para criação de novas instituições que trabalhem na lógica da heterogeneidade, da implicação, da convivência, que considerem as territorialidades, mas também dos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1997). O paciente, nesta proposta, não é objeto passivo de um saber ou de uma prática e sim sujeito em construção, em um processo complexo de singularidades, que se dá por meio dos encontros. Transpomos, assim, uma clínica centrada no indivíduo e seus sintomas, para produção de saúde e de subjetividade, o que implica a inserção em processos de criação voltados para a construção de novos territórios, ou seja, de novos sentidos.

As relações entre clínica, território e subjetividade dialogam com a idéia de ‘território existencial’, que envolve espaços construídos com elementos materiais e afetivos do meio, que, apropriados e agenciados de forma expressiva, findam por constituir lugares para viver. “O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Neste sentido, a perspectiva da clínica pode ser entendida como o ato de acompanhar, cuidar e investir em re-territorializações, ou seja, na criação de novos territórios nos quais seja possível traçar novos caminhos de vida. Por isso a importância da construção de territórios existenciais, mesmo que transitórios, efêmeros e nômades, onde possam se expandir, estabelecendo relações com outras possibilidades de viver (LIMA e YASUI, 2014).

Deleuze e Guattari (1996) defendem que esses processos de territorialização são a base da arte de qualquer coisa, uma matéria de expressão, em um movimento do qual emergem marcas, que são constitutivas de um estilo. A clínica, nesta proposta, acontece no território da cidade e na produção de novas territorialidades espaciais e subjetivas onde a vida seja possível. Neste caso, a aposta é na sustentação e no acolhimento de diversas formas de existência e no agenciamento das redes de sentido que possam criar novos territórios do poder viver.

Figura 18. Roda de Poesia. Comunidade do Gesso, Crato-CE, agosto de 2015.



Fonte: arquivos pessoais.

Um território, várias cenas, foi assim nossa primeira passagem pela região do Cariri, mais especificamente na cidade do Crato-CE, nas ações realizadas em parceria com o Coletivo Camaradas na Comunidade do Gesso, em uma região periférica da cidade com problemas de violência, pobreza e carência de acesso a serviços e ações públicas de saúde, educação, cultura e outros determinantes a vida dos sujeitos e de seus coletivos. Somamos a este coletivo que há vários anos tem produzido diversas ações de arte, cultura, educação e economia solidária com o propósito central de fortalecer, principalmente, as crianças e jovens do lugar, na construção de projetos de vida que rompam com o ciclo opressor de suas condições de vida, se configurando, a partir dos relatos dos participantes e moradores do bairro, como um dispositivo muito potente para a promoção da saúde das pessoas e do lugar.

E assim foi, de Cachoeira para Tucano-BA, Exu-PE, Teresina-PI, Fortaleza-CE e outros tantos lugares, interações com escolas públicas, saraus nas ruas, acolhidas, novas descobertas, parcerias de viagem e a convicção, sentida no corpo, de que a solidariedade das pessoas transpassa qualquer preocupação como onde dormir, o que comer, segurança, problemas mecânicos e como seguir.

3.4 Conjunto de Cenas 4 – A vida, a escrita da vida: performance como acontecimento mobilizador de modos de existência amparados na autonomia, potências e novas possibilidades na vida.

“tudo o que não invento é falso”

Manoel de Barros

Ao realizar uma pesquisa rápida em sites de busca com a frase “Clínica da Palavra”, encontramos alguns sítios relacionados a Biblioterapia Clínica, que consiste na terapia por meio da leitura de textos literários. Esta perspectiva parte do “pressuposto que toda experiência poética é catártica e que a liberação da emoção produz uma reação de alívio da tensão e purifica a psique, com valor terapêutico” (CALDIN, 2001). Entendo que esta possa ser uma possibilidade, como “efeitos” disparados pelas intervenções da Itinerância Poética, mas não constitui a proposta de investigação deste estudo no momento.

Clínica da Palavra foi um título metafórico, forjado para ilustrar, através das ações da Itinerância Poética, a busca permanente por uma clínica dos ‘bons encontros’, configurando-se como uma performance, que através dos lugares, dos cenários e dos diálogos funcionava como um dispositivo desvelador de potências em mim e nos outros com quem encenava. Pensando em saúde como potência criativa, criação como poesia e poesia como arte procuramos delimitar, ou melhor, ampliar o que estamos chamando de arte. Foi lendo um estudo de Pescuma (2015) que encontramos uma lista de possíveis “respostas”, declaradas por diversas figuras que fazem parte da história mundial da arte, para a seguinte questão: o que é arte afinal?

Seguem algumas:

“é na arte que o homem se ultrapassa definitivamente” Simone de Beauvoir

“a arte eleva, leva e é levada” Lúcia M. Loeb

“a arte não é um espelho para refletir o mundo, mas um martelo para forjá-lo”

Vladimir Maiakovisk

“arte é aquilo em que o mundo se transformará, não aquilo que o mundo é”

Karl Kraus

“a arte pode ser entendida como um mecanismo/veículo que, através das vias sensoriais, induz deslocamentos/ torções na realidade.” Fábio Magalhães

“a arte mantém vivo o poder de sentir o mundo comum em sua plenitude” John Dewey

“tudo aquilo que é Arte propõe, visa intensificar a vida, nos convidando a experimentar novas maneiras de pensar e de sentir sem as quais cairíamos no mais profundo torpor, encurralados em um cotidiano vazio e sem sentido. A Arte é o que nos salva desse horror.” Elias Santos

A partir destas poéticas caminhamos para uma concepção que dialoga bem com essa amplitude do que sentimos, pensamos e chamamos de arte:

...a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas da vida, isto é, todos esses devires reais, que não se produzem simplesmente na arte, todas as fugas ativas, que não consistem em fugir na arte, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializar na arte, mas que irão, sobretudo, arrastá-la consigo para regiões do a-significante, do a-subjetivo e do sem-rostro . (DELEUZE E GUATTARI, 1996)

Dentre as linguagens artísticas, de acordo com Geertz (1998), o campo da performance se apresenta como um espaço interdisciplinar importante para compreensão dos gêneros de ação simbólica. Goldeberg (2006) chama atenção para o caráter inespecífico da performance, permitindo pensar a própria atuação artística como extremamente diversa e feita nos entremeios dos campos de saber e das disciplinas já estabelecidas e enquanto proposta artística se desloca da geração de produtos e passa a ter como possibilidade a realização de uma idéia.

A performance pode ser considerada como um evento comunicativo no qual a função poética prevalece, sendo que a experiência trazida pela performance é a consequência dos mecanismos poéticos e estéticos produzidos através de vários meios comunicativos simultâneos (BAUMAN, 1977).

Langdon (2006) propõe pensarmos a performance como um paradigma conceitual e aponta cinco qualidades inter-relacionadas que são compartilhadas por este tipo de abordagem:

1 – Experiência em relevo: experiência realçada, pública, momentânea e espontânea, envolvendo o ator (performer), a forma artística, a platéia e o contexto;

- 2 – Participação expectante: trata da participação plena de todos presentes no evento;
- 3 – Experiência multissensorial: localiza-se na sinestesia, ou seja, na experiência simultânea de vários receptores sensoriais, recebendo os ritmos, as luzes, os cheiros, a música, os sons em geral e o movimento corporal;
- 4 – Engajamento corporal, sensorial e emocional: paradigma do corpo, como demonstram as pesquisas sobre a eficácia terapêutica da performance, entendendo a possibilidade de transformação fenomenológica no nível mais profundo do corpo;
- 5 – Significado emergente: a noção de cultura é pensada como um processo social contínuo, em que novos significados e valores, novas práticas, novos significantes e novas experiências são continuamente (re) criados.

Dialogando com Bom-Tempo (2013) podemos considerar que a educação, a performance e também o processo saúde-doença possuem aproximações ao se configurarem como práticas de experimentações vinculadas ao tempo presente, ao agora, ao imprevisível e inesperado, que produzem mobilizações/transformações de signos rígidos definidos pela cultura. A autora considera que as formas de existir, pautadas no ideal moderno de paz, calma e sucesso, podem produzir adoecimentos e fracassos, desconsiderando o embate de forças vinculados a própria vida. Dessa forma, defende que diante dessas configurações do mundo contemporâneo, os processos de subjetivações trazem a urgência de desvios que produzam novas possibilidades de se viver, promovendo uma “grande saúde”, pelos corpos que se abrem ao novo e a invenção.

Figuras 19 e 20. Folia de Reis em Milho Verde. Serro-MG, janeiro de 2016.



Fonte: acervo pessoal.

Diante disso veio à memória uma importante vivência, acontecida em 2016, no distrito de Milho Verde-MG, durante o festejo da Folia de Reis, que havia ficado mais de 40 anos sem acontecer devido a descontinuidade da manifestação popular pelos mais jovens. Este era o terceiro ano em que a festa havia tornado a acontecer, a partir de uma intensa pesquisa e mobilização realizada por um grupo de músicos e artistas que haviam se mudado para o lugarejo. Era nítida a importância daquela performance da cultura popular para as pessoas do lugar e para o território em si, através dos seus cortejos, visitas, farta mesa, seus reis coroados, suas músicas, violões, pandeiros. É inegável a importância dessa representação enquanto fator determinante para ‘grande saúde’ das pessoas e do lugar.

A dinâmica contraditória da vida, entre os mecanismos de controle da sociedade contemporânea e os desvios de capturas podem produzir adoecimento físico, psíquico e relacional, traduzida na sensação de fracasso pessoal em relação a própria vida. Isso se reproduz nas práticas educacionais, que normalmente não estão associadas apenas às escolas e nem mesmo as instituições de saúde, sejam elas preventivas e/ou curativas, mas se vincula e se compromete com a vida e com os modos de existência agenciados pelas relações públicas e de intimidade no mundo atual (BOM-TEMPO, 2013).

A performance, ao acontecer no tempo presente, se exprime como acontecimento, concebendo novos modos de existência, outras possibilidades de vida, reinventando a própria proposta performática e vinculando-a à “imanência instável” da vida. Nesse sentido, a performance atua na experimentação dos territórios onde a vida acontece, ou seja, nas práticas de convívio já estabelecidas, produzindo pequenos espaçamentos, fissuras e extra-vazamentos, fugas no próprio território, a partir de experiências afetivas na relação do corpo com o mundo, que são condições para invenção de si e reinvenção do mundo (BOM-TEMPO, 2013).

Além das imersões no universo das artes vividas pelo próprio autor, esta proposta de estudo dialoga com algumas performances de intervenção urbana já documentadas.

Uma delas é a intervenção artística Farmácia Fischer, do filósofo franco-canadense Hervé Fischer que, após a escuta, disparada por perguntas simples acerca dos problemas de vida das pessoas, prescrevia pílulas plásticas não consumíveis para o amor, medo, morte, sonho, pílulas vinho, dentre outras subjetividades. Outra experiência interessante é a de Lígia Clark, que a partir de 1975 passou a se dedicar ao estudo das possibilidades terapêuticas da arte, trabalhando com o conceito de “objetos

relacionais”. Ambos os trabalhos foram citados por Yasui, Palombini e Zanchet (2015), do Espaço Liso, um coletivo de arte experimentação, em um trabalho interessantíssimo de intervenção artística inter-relacionado ao universo da saúde mental, chamado Receituário Mais que Especial.

Nesta perspectiva, a construção deste estudo se deu a partir de um “pensamento da diferença”, levantado por Pescuma (2015) como um pensamento “composto de encontros entre a filosofia, a arte, a educação, a saúde e a ciência, borrando fronteiras, forjando espaços interdisciplinares, multiformes, onde um território arrasta o outro numa disjunção lúdica, entrando no domínio do jogo, da festa e também do embate e da resistência”, ou seja, da produção do comum na diferença.

Diante de todas estas reflexões, compreendendo a complexidade da vida, suas variáveis, relações sociais, seus processos de saúde-doença, considerando a configuração da perspectiva transdisciplinar desta proposta de pesquisa e entendendo a importância da formação crítica de boa parte da vida deste sujeito pesquisador de si e das relações ressaltamos a educação popular como um dos referenciais epistemológicos para situarmos nossa experimentação poético-científica.

De acordo com Vasconcelos e Oliveira (2009), a Educação Popular entende que as pessoas se apropriam do conhecimento produzido a partir das vivências, experiências sociais e reflexões fomentadas por elas e acreditam também que na medida em que refletem sobre a realidade e tomam consciência dos diferentes condicionantes de suas vidas, podem articular melhor ações em direção à mudança do contexto vivido, conceito que dialoga perfeitamente com a opção metodológica pela autoetnografia.

Dialogando com todos estes conceitos, uma questão que chama a atenção na educação popular é a afirmação de que as artes podem produzir saberes através de outros caminhos e que a potência criativa, inerente aos seres humanos, podem nos impulsionar a “sermos mais” com nós mesmos, com os outros e com o mundo (WONG UN, 2016).



4. Considerações Finais?

*“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim:
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem”.*
Guimarães Rosa

Segue a caminhada da vida...

Diante do vivido, do experimentado, do lembrado, do dialogado, das análises, sínteses e novas sínteses, não resta dúvidas de que a Itinerância Poética, em suas performances territoriais nômades, funciona, também, como um dispositivo/equipamento social de saúde, favorecendo encontros, comigo mesmo, com os outros e dos outros com suas potências, sonhos e projetos de vida. Ao abrir as portas deste “serviço” me predisponho a acolher, através de uma escuta atenta e qualificada, de um diálogo sincero, revelador de minhas potências e desvelador das potências das pessoas e lugares com que encontro.

A poesia neste estudo assume o lugar de um adjetivo de qualidade, como num fazer as coisas com poesia, na poesia como potência de vida, sendo assim, poesia e saúde assumem a mesma identidade nos seres. Numa exigente tarefa, para deixar mais didático este entendimento, de acordo com os achados/experimentados, a poesia pode ser considerada como um dispositivo para o cuidado/promoção da saúde, a partir dos encontros desveladores de potência nos sujeitos, corroborando com nosso entendimento de saúde enquanto “potência de vida” e na promoção da saúde enquanto estímulo a autonomia e a emancipação destes sujeitos, no cuidado de si e dos outros, através da permanente re-significação de projetos de vida e da tomada de consciência do seu ser/estar no/com o mundo.

Ao investigar minha própria história, percebo que o encontro com a poesia reconstrói meu olhar sobre minha trajetória. As constantes buscas e rupturas ao longo do tempo me permitiram reconectar com o campo da saúde, contribuindo para que eu possa restabelecer as conexões entre as diferentes áreas que me forjam enquanto ser humano complexo, integral e multifacetado, um sujeito em busca de sua libertação.

O viés da busca permanente por um aprendizado com os outros, na relação com o mundo, me coloca diante do entendimento da poesia como dispositivo pedagógico,

trazendo um outro universo de investigação daqui pra frente, a busca por uma Clínica da Pedagogia, uma terapêutica/promoção da saúde pelo universo da educação popular, sob a perspectiva de uma Clínica Ética, Estética, Poética e Política, de uma Clínica do Oprimido em Libertação, de uma Clínica da Indignação, de uma Clínica da Autonomia, uma Clínica das Ações Culturais para a Liberdade, uma Clínica da Esperança, enfim, na construção de uma Clínica Libertária.

Ainda que difusa, e algumas vezes sem vir bem articulada em palavras e proposições precisas, apporto, pela direção que indica, para uma sensação de abertura a um novo campo, um impulso para ir mais longe. Será a poesia, em sua mais simples e complexa definição, na inerência humana do criar, diante dos desafios, desejos e necessidades comuns ao viver, um dos fatores determinantes e condicionantes a saúde dos sujeitos individuais e coletivos?

As inter-invenções da Itinerância Poética seguem ativas, atualmente em São Paulo, compondo com outras pessoas e coletivos que realizam ações culturais em espaços públicos da cidade. Durante o ano de 2018 participamos de saraus de poesia, eventos de rua, feiras de arte, feiras literárias, ações junto a serviços de saúde, dentre outras, sempre na premissa de provocar o encontro através da poesia.

Daqui pra frente, seguindo adiante, sem régua nem compasso, disposto aos dispostos, sempre no gerúndio, reinventando a vida, em suas infinitas possibilidades de transformá-la e ressignificá-la através da busca incessante pela potência do meu corpo, no mundo, com os outros.



5. Apêndice Inflamado

Diários, devaneios/loucuras de juízo transcritas dos bilhetes noturnos, escritos no apagar das luzes.

Por quê?

Porquê escolhi a poesia?

A poesia quem me escolheu,

a poesia é o que me sustenta

poesia é o que me suporta

poesia é o que me alimenta.

Como diz um dos meus irmãos:

- “poesia é vida, mudou a nossa, mudou a minha...”

Outro poeta diz:

- “poesia não compra sapato, mas como andar sem poesia”

Viviane Mosé nos presenteia com o Poema Chão, o Poema de Pé no Chão, nos convidando a perceber a maioria das doenças como poemas presos...

“Temos sérios poemas mentais...”

NiBrisant nos alerta – “poesia é o que se sente, o resto é literatura”.

Sendo a doença uma experiência da ordem dos sentidos, cabe decidir onde ela começa e termina quem a sente, disse no século XVI, com uma liberta sabedoria nosso filósofo George Canguilhem.

E se poesia é vida, vida é saúde, saúde é gozo, simples...

Morar, ir, rir e voltar.

Escrever.

Ex crê Ver

Ver,

Até desaperder o que nos desensinaram,
Re volução.
Nascerà do MAR
A revolução é...
Écos - sistêmica.
Clínica,
Dá pra cuidar do outro,
Sem o outro?!

Filosofia é saúde.

Como Amir Haddad diz todo ser humano que pensa, cria e experimenta pode ser considerado intelectual, artista e cientista. É preciso de muita imaginação para transformar o mundo. E como Freire afirma, é vocação ontológica das pessoas “serem mais”, nascemos e nos desenvolvemos na busca por sermos mais com a gente mesmo, com os outros e com o mundo.

Tentando insistentemente encontrar poesia em mim, me encontro no outro e os outros se perdem em mim. Só somos a partir do encontro com o outro, precisamos de com-vivência, só existo no outro.

- Não é mesmo Enrique Dussel? Nosso filósofo da libertação latino-americana.

Vamos se perder,
Ser
Humano,
Nos libertar.
Ser humano,
Ser artista.
Capacidade de criar todo mundo tem.
Agora, poder criar, desenvolver habilidades e técnicas, inventar,
Tem sido pra poucos, pra raros.
E não adianta fingir de forte, precisamos nos fortalecer.

A proposta não é essa ideia que todo o mundo seja pintor, músico ou escultor, a ideia é que as pessoas possam fazer o que fazem com poesia, com tesão, sentido, orgasmo, pelo menos na maior parte do tempo. Mas o que quero com tudo isso?

- “e ao mesmo tempo cantar, sambar, amar, curtir, só assim tem validade minha gente, esse nosso existir. Mostrar que a força é no amor, nos unir que eu sei que dá jeito e provar que nós temos direito, pelo menos a compreensão” (Martinho da Vila, Bandeira da Fé).

Tudo tem seu tempo amor, acredite.

Referências

ADAM, P. & HERLIZLICH. **Sociologia da Doença e da Medicina**, Bauru, SP. EDUSC, 2001.

AMARANTE, P. **Reformas sanitária e reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ. FIOTEC, EAD FIOCRUZ, 2003.

ARAÚJO-JORGE. T. C. *et al.* CienciArte® no Instituto Oswaldo Cruz: 30 anos de experiências na construção de um conceito interdisciplinar. **Ciência e Cultura**, vol.70, no.2. São Paulo: abr./jun., 2018. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0009672520180002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 17 de outubro de 2018.

BAUMAN, Richard. **Verbal Arts as Performance**. Rowlywy, Mass: Newbury House Publishers, 1977.

BELCHIOR. Pequeno perfil do Cidadão Comum. Álbum: Era uma Vez um Homem e Seu Tempo. Warner Music Group, 1979.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, e dá outras providências. Brasília, 1990.

BOM-TEMPO, J. S. Arte da performance e experimentação do cotidiano. **Revista Paralaxe**, v.1, número 1, 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Clínica Ampliada em Saúde, 2014. Disponível em: <http://redehumanizaus.net/85422-clinica-ampliada-e-compartilhada/>. Acesso em 05 de setembro de 2017.

BRILHANTE, A.V.M; MOREIRA, C. Formas, fôrmas e fragmentos: uma exploração performática e autoetnográfica das lacunas, quebras e rachaduras na produção de conhecimento acadêmico. **Interface, Comunicação e Saúde**. 2016; 20(59): 1099-113. Acessado em Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141432832016000401099&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 10 de junho de 2018.

CALDIN. C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Revista Eletrônica de Biblioteconomia. n.12, p. 32-44. Florianópolis, 2001.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. EDITORA FORENSE UNIVERSITÁRIA. RJ, 2009.

CAMPOS, G. e CAMPOS, R.O. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. **Tratado de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, RJ. HUCITEC/FIOCRUZ, 2006.

CARTA DE OTAWA. I Conferência Internacional sobre Promoção da saúde. Ottawa. Nov 1986. Disponível em: [HTTP://www.opas.org.br/coletiva/carta.cfm?idcarta=15](http://www.opas.org.br/coletiva/carta.cfm?idcarta=15). Acesso em 12 de setembro de 2017.

DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. *Enmedio a Spinoza*. Buenos Aires: Cactus, 2008.

DELEUZE, G. E GUATTARI, F. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1996.

DENZIN, N. **Analytic autoethnography, or déjà vu all over again**. J ContempEthnogr. 2006; 35(4):419-28.

DIVERSI M, MOREIRA C. **Betweener talk: decolonizing knowledge production, pedagogy, and praxis**. WalnutCreek: Left Coast; 2009.

ESPINOSA, B. **Volume I**. Os Pensadores, Nova Cultural, 1989.

ESPINOSA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FRANCO, T. B.; GALAVOTE, H. S. Em busca da clínica dos afetos. In: FRANCO, T.B. **Semiótica, afecção e cuidado em saúde**. São Paulo: Hucitec, p. 176-99, 2010.

FOUCAULT, M. (2001). **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

FREIRE, P., NOGUEIRA, A. **Teoria e Prática em Educação Popular**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1989.

GALAVOTE, H.S. et al. Alegrias e tristezas no cotidiano de trabalho do agente comunitário de saúde: cenários de paixões e afetamentos. **Interface, comunicação, saúde e educação**. *Interface (Botucatu)* [online]. 2013, vol.17, n.46, pp.575-586. Epub, Aug 23, 2013.

GEERTZ, C. **Mistura de gêneros: A reconfiguração do pensamento social**. In.: O saber local. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 33-56.

GOLDBERG, R. **A arte da performance: do futurismo ao presente**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo. Martins Fontes (Coleção a), 2006.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Cultura: um conceito reacionário. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**, p. 15-24, 1986.

HELMAN, C. G. Cuidado e cura: os setores de atenção a saúde. In: HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 78-112.

HOLMAN, J. S. **Autoethnography: making the personal political**. In: Denzin N, Lincoln Y, organizadores. The Sage handbook of qualitative research. Thousand Oaks: Sage; 2005. p. 763-92.

LANCETI. A. **Clínica Peripatética**. São Paulo, SP. Hucitec, 2006.

LANDY. **Culture, disease and healing**. Basingstoke: Macmillan, 1977.

LANGDON. E. J. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição de Bauman e Briggs. **Ilha revista de antropologia**. UFSC, Florianópolis, 2006.

LIMA, E. M. F. A.; YASUI, S. **Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial** SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO, V. 38, N. 102, P. 593-606, JUL-SET 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v38n102/0103-1104-sdeb-38-102-0593.pdf>. Acesso em 05 de junho de 2018.

LOPES, D. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2002.

MOREIRA, C.; DIVERSI M. When janitors dare to become scholars: a betweeners' view of the politics of knowledge production from decolonizing street-corners. **IntRev Qual Res**. 2010; 2(4):457-74.

NIETZSCHE, Friedrich **.Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **A gaia ciência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

PESCUMA, C. Arte: uma vitória sobre a morte. In: Pasquali, L. (org). **Arte como Jogo**. Editora Blade, Salvador, 2015.

RAMOS, V.C. (Orgs.). **Semiótica, afecção e cuidado em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010. p.176-99.

ROLNIK, S. (1992). À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. **Boletim de Novidades, Pulsional - Centro de Psicanálise**, 41, 33-42. Disponível em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemetica.pdf>. Acesso em 16 de fevereiro 2011.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SALGADO, G. BRITO, L. Poesia é Desenho. Salvador: Edtóra, 2015.

SAMPAIO, S. Cada Lugar na Sua Coisa .Álbun: Tem que Acontecer. **Discobertas**, 1976.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEIXAS, R. Ouro de Tolo. Álbum:Krig-ha, Bandolo.Philips Records,1973.

SEIXAS, R. No Fundo do Quintal da Escola. Álbum: O Dia em que a Terra Parou.Warner Music Group, 1977.

STRAPPAZZON A. L., MAHEIRIE K. "**Bons encontros**" como composições: **experiências em um contexto comunitário** Disponível - http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200010 acesso em 03 de junho de 2018. **Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 68 (2): 114-127. 2016.**

TEIXEIRA, R. R. **As dimensões da produção do comum e a saúde**, Saúde Soc. São Paulo, v.24, supl.1, p.27-43, 2015.

VASCONCELOS, V. O.; OLIVEIRA, M. W. Educação Popular: uma história, um que-fazer. **Educação Unisinos**, v. 13, n. 2, p. 135-146, 2009.

WESTPHAL, M. F. Promoção da saúde e qualidade de vida. In: FERNANDEZ, J. C. A.; MENDES, R. **Promoção da Saúde e Gestão Local**. São Paulo. Hucitec, 2007.

WONG UM, J. A. A arte é longa, a vida é breve: sobre o valor e a potência das artes na educação popular em saúde. Em: BORNSTEIN, V. J. (org). **Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde: Textos de Apoio**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016.

YASUI, S.; PALOMBINI, A.L.; ZANCHET, L. Receituário Mais que Especial: uma intervenção urbana para pensar arte e pesquisa no contexto da Reforma Psiquiátrica. **Interface (Botucatu)** vol.19 no.55 Botucatu Oct./Dec. 2015 Epub Ago 18, 2015.

ZOBOLI, E. L. C. P. A Redescoberta da Ética do Cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Rev. esc. enferm. USP vol.38, no.1. São Paulo: Mar, 2004**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342004000100003>. Acesso em 10 de setembro de 2016.